

## **INAUGURAÇÃO DA NOVA SEDE DO INSTITUTO DE PATOLOGIA TROPICAL E SAÚDE PÚBLICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS**

No dia 21 de outubro de 1989, foi inaugurada a nova sede do Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública da UFG. O moderno prédio, criação dos arquitetos Ilza Vitória Rocha e Sinval Martins de Paiva, projeta uma nova concepção arquitetônica na Praça Universitária.

Congregando 40 laboratórios de pesquisa, um biotério de operações, uma unidade de ensino com 12 laboratórios, um anfiteatro e 3 salas de aula, além das instalações de suporte do pavimento da administração, este prédio coloca o IPTSP entre as unidades congêneres mais bem instaladas do país.

Construído com recursos do Programa MEC-BID, supervisionado pelo ETA/UFG, as modernas instalações do IPTSP contribuirão para otimizar as condições de trabalho de mestres e pesquisadores da instituição, ensejando maior participação do alunado da área biológica.

À solenidade compareceram o Magnífico Reitor da UFG, Prof. Joel Pimentel de Ulhôa; o futuro Reitor, Prof. Ricardo Freua Bufáical, atual Superintendente do ETA; o Diretor do IPTSP, Prof. Roberto Ruhman Daher; os Ex-Reitores, Prof. José Cruciano de Araújo, iniciador da obra; o Prof. Jerônimo Geraldo de Queiroz, o Prof. Paulo de Bastos Perilo, além de autoridades universitárias, governamentais e militares, professores, alunos e funcionários da casa.

Na ocasião discursaram o Diretor do IPTSP e o Magnífico Reitor, havendo também o descerramento da placa comemorativa colocada no saguão de entrada e o plantio de árvores no pátio interno do prédio por professores fundadores e autoridades presentes.

### Discurso proferido pelo Diretor, Prof. Roberto Ruhman Daher, por ocasião da inauguração da nova sede do IPTSP-UFG

Este é um momento de grande importância para nós que trabalhamos no Instituto de Patologia Tropical e Saúde Pública, pois representa a concretização de um sonho que começou em 1965. Naquela ocasião, vários professores da Faculdade de Medicina, liderados pelo Prof. William Barbosa, inspirados nas idéias de interiorização do médico defendidas pelo seu Diretor, Prof. Francisco Ludovico de Almeida Neto, conseguem do então Reitor, Prof. Jerônimo Geraldo de Queiroz, através da Portaria nº 269/65 de 1º de junho daquele ano, a designação de um grupo de trabalho para estudar, planejar, organizar e estruturar o Instituto Central de Patologia Tropical. Deste grupo também faziam parte os Profs. Joffre Marcondes de Rezende, Hélio de Almeida Guerra, José Braz Cesarino Neto, José Vieira Filho e a Profª Margarida Dobler Komma, todos da Faculdade de Medicina. A todos eles nossos primeiros agradecimentos.

Já no documento inicial remetido ao Diretor da Faculdade de Medicina, quando defendia a criação do ICPT, o Prof. William Barbosa fazia referência à construção da sede própria da nova IES: "por todas as razões acima expostas, permita V. Sa., propormos, ainda, que os órgãos a serem incorporados ao projetado Instituto tenham instaladas suas sedes próprias, para o cabal desempenho de suas funções de ensino e pesquisa nas proximidades do Hospital Geral, célula-mater de nossa escola, a fim de que os mesmos venham aproveitar plenamente os recursos de material e pessoal disponíveis no aludido nosocômio". *Ipsis litteris.*

Não sei o que pensam. Para mim tem o sabor da Carta de Pêro Vaz de Caminha ao Rei de Portugal. "Em se plantando tudo dá".

Um quarto de século. Foi esse o tempo que passou entre o sonho e a realidade. Muita coisa aconteceu durante essa longa jornada. A novel unidade da UFG teve que construir o seu caminho no trabalho duro do ensino e da pesquisa, criando calos nos cotovelos e nos fundilhos, galgando cada degrau com o denodo dos que sabem o que querem, ocupando cada centímetro do espaço duramente conquistado na área do saber, com dedicação, abnegação, renúncia e, principalmente, porque não dizer, muito amor à arte de ensinar. Muito talento, mas muita perseverança também.

Tempos românticos. Tirávamos dos bolsos os recursos para prover as necessidades mais prementes da instituição, sempre às voltas com orçamentos deficitários e suplementações de verbas que nunca chegaram. Fomos de tudo um pouco. Arquitetos, construtores, decoradores, desenhistas, fotógrafos, e tantas coisas mais.

E a criação da Revista de Patologia Tropical? Parto a fórceps. Criada a muque.

Nostalgia! . . . Temos muitas estórias para contar. Haja ouvidos.

A concretização de um sonho significa isto: estas paredes, este piso, este teto. Compõem-se apenas de cimento, pedra e areia? Não é verdade! Há muito sangue, suor e lágrimas em cada metro cúbico dessas lajes, em cada metro quadrado dessa argamassa. Muitos tomaram no cumprimento do dever, no excesso de zelo e dedicação. A todos eles, sem qualquer ordem, apenas recordando, Giovany, Geony, Maria do Carmo, Laércio, Aélío, Rodovalho (meu patrono da Academia Goiana de Medicina), Onofre, Antônio Campos, nossas saudades. Nossas imorredouras saudades. Homenagens dos que ficaram e se comprometeram a prosseguir carregando o bastão, para passá-lo aos sucessores.

Mas a que veio o Instituto de Patologia Tropical? A par de dizer que veio para ficar, muito embora muitos não acreditassem, e tantos outros tudo fizessem para que não fosse assim, o IPTSP veio para responder aos anseios de uma comunidade, envolvida em uma atmosfera de alta prevalência de doenças infecciosas e parasitárias e baixos padrões de saneamento. Uma comunidade que pretendia uma solução mais elaborada para estes problemas, mais condizente com a condição de cidadania, distanciada das soluções paliativas, sempre desprovidas de qualquer caráter de continuidade. Pretendia-se algo mais duradouro, algo que pudesse embasar a mudança de mentalidade necessária para a consecução de tão elevados e almejados objetivos. E sobre isso nós trabalhamos, e creio que conseguimos caminhar. Vencemos algumas etapas, mas ainda há muito o que fazer.

Enquanto aguardávamos o dia de hoje, durante estes vinte e poucos anos, fizemos desfilar pelas nossas instalações de "fundo de quintal", toda a "intelligentsia" brasileira no terreno da Patologia Tropical. Alguns já estavam conosco, outros fomos buscar em cada um dos laboratórios das Universidades, dos Institutos de Pesquisa, onde quer que a ciência estivesse se desenvolvendo nesse Brasil, com humildade, obstinação e perseverança. Com o tempo, fomos conquistando a todos, e os trouxemos para cá um a um, por períodos variados. A rigor, ninguém que nos últimos 20 anos tenha trabalhado seriamente em Patologia Tropical, no Brasil, deixou de passar pelo IPTSP.

Aprendemos muito. E pudemos evoluir, como provam o nosso meio mi-lhar de comunicações feitas ao mundo científico através de publicações em periódicos nacionais e estrangeiros; os nossos cursos de Pós-Graduação (*strictu sensu e lato sensu*); a nossa participação em assessorias e consultorias a órgãos estatais e privados no campo da patologia tropical e saúde pública, tanto a nível estadual como federal; as nossas parcerias com instituições tradicionais na área, tais com: SUCAM, Fundação SESP, Instituto Manguinhos, Instituto Evandro Chagas, Escola Nacional de Saúde Pública, Secretaria de Saúde do Estado de Goiás, e várias outras; a presença obrigatória de nossos pesquisadores em Con-

gressos e outras reuniões científicas, como convidados oficiais; a solicitação frequente de nossos pesquisadores pelos editores de livros científicos (atualmente é raro um livro editado no Brasil, no campo da Medicina Tropical, sem participação dos nossos pesquisadores); e, principalmente, pela qualidade de nossos trabalhos, como provam os financiamentos de pesquisas obtidos juntos às agências nacionais e internacionais (CNPq, FINEPE, OPAS, OMS, etc.).

Ninguém consegue nada sozinho. Tudo isto só foi possível porque contamos com o apoio de pessoas que tinham pelo menos uma coisa em comum: conseguiam enxergar além do que viam. E para nossa felicidade elas estavam no lugar certo, no momento exato. A algumas delas já nos referimos, mas falta incluir nesta constelação de benfeitores os dois astros principais. Refiro-me aos Profs. JOEL PIMENTEL DE ULHÔA e JOSÉ CRUCIANO DE ARAÚJO, Magníficos reitores desta Universidade. Magníficos gestores de um sonho que se tornou realidade. Esta é a parte mais difícil que me cabe nesta sequência de delegações que os amigos que trabalham no IPTSP me confiaram. Não me atrevo a traçar-lhes o perfil. Ambos são personalidades muito ricas, e os meus dotes de biógrafo são muito acanhados, muito pobres mesmo para esta empreitada. Outros virão para mostrá-los à história.

Mas, não estou impedido de demonstrar nossa gratidão, e de reconhecer que as decisões de iniciar-se a construção da sede do IPTSP e, posteriormente, de concluí-la, foram decisões que exigiram, cada uma a seu tempo, pulso forte, muita convicção, e sobretudo confiança no IPTSP. Por tudo isto, não só por recebermos a obra, mas sobretudo por reconhecermos as dificuldades, que permearam a sua execução, somos gratos às Vossas Magnificências. Por tudo isto estarão sempre ligados a esta Unidade pelos laços administrativos que o bronze testemunhará e, sem dúvida, pelos laços da amizade e do reconhecimento, que estarão a partir de hoje unindo os vossos corações a cada um dos corações dos Iptesianos, com o testemunho de Deus.

Concretizar. . . Não gosto desta palavra! . . .

Magnífico Reitor, Minhas senhoras, meus senhores; Permitam que eu mude o meu discurso. Esta solenidade não representa a concretização de um sonho. Representa, isto sim, a sua viabilização. O IPTSP existe! Estamos vivos! Vamos começar a trabalhar!

MUITO OBRIGADO



*Momento em que o Diretor do IPTSP, Prof. Roberto Ruhman Daher, proferia seu discurso, na presença do Magnífico Reitor Prof. Joel Pimentel de Ulhôa e autoridades universitárias, governamentais e militares*